

A mente feminina por trás da plataforma que ajudou automobilistas em plena crise de combustível

Enquanto a capital moçambicana e outros pontos do país mergulhavam numa das mais tensas crises de combustível dos últimos meses, milhares de automobilistas percorriam bombas de abastecimento quase às cegas. As filas aumentavam a cada hora, o trânsito tornava-se mais caótico, os “chapas” reduziavam circulação e muitos cidadãos gastavam o pouco combustível que tinham apenas para procurar mais combustível.

Escrito por: **Lúcia Mucave**
Fotografias: **Cedidas**

Entre Março e o pico da crise, registado nos meados de Abril, a capital moçambicana viveu dias de ansiedade colectiva. Nos grupos de WhatsApp, multiplicavam-se mensagens frenéticas como, “Onde há gasolina?”, “Qual bomba ainda tem diesel?”, “A fila está enorme?”, “Já acabou?”. A informação e os “memes” circulavam de forma desorganizada, confusa e quase impossível de acompanhar.

Foi nesse cenário de caos urbano e desespero silencioso que surgiu uma plataforma simples, partilhada inicialmente por um link discreto, mas que rapidamente se espalhou pelos telemóveis dos moçambicanos. Chamava-se “Há Combustível”. Em poucas horas, já estava presente nos grupos de bairro, canais informativos e diversas redes sociais, ajudando os automobilistas a localizar bombas com combustível disponível.

Muitos presumiram que a solução tivesse sido criada por um engenheiro, uma empresa tecnológica ou algum homem especialista da área digital. Mas por detrás da ferramenta estava uma mulher brasileira, socióloga de formação, residente em Moçambique há cinco anos, e que sequer possui carro.

A reportagem da “Carta” encontrou Kathleen Angulo, autora da plataforma que acabou por transformar-se numa espécie de mapa colaborativo de sobrevivência urbana durante a crise.

“Não sou da área da tecnologia, nem da engenharia. Sou socióloga, da área das ciências sociais”, começou por esclarecer, entre risos, ao recordar as inúmeras mensagens que recebeu de pessoas que a chamavam de “engenheira” ou “IT girl”.

Kathleen mudou-se para Moçambique em Janeiro de 2021 e trabalha actualmente na área de monitoria e avaliação de projectos agrícolas. Pelo seu trabalho, já percorreu províncias como Gaza, Cabo Delgado, Nampula e Niassa, experiência que, segundo diz, fez com que já se considere “meio moçambicana”. Ou, como define com humor, “moçambileira”.

Apesar de não ter formação tecnológica, Kathleen vinha estudando formas de automatizar relatórios



profissionais e criar dashboards interactivos para melhorar processos no seu trabalho. Sem imaginar, esse conhecimento acabaria por tornar-se útil num dos momentos mais tensos vividos recentemente na capital.

“Eu estava em muitos grupos de WhatsApp e era uma avalanche de mensagens sobre combustível. Toda a gente desesperada. E naquele dia, uma amiga me deu boleia e precisávamos abastecer, mas ninguém sabia para onde ir. Era trânsito, filas gigantes, caos total”, recorda.

O detalhe mais curioso é que Kathleen não procurava combustível para si

“Eu nem tenho carro, Lúcia. Mas aquilo começou a deixar-me ansiosa. Era muito volume de informação e nenhuma organização. E eu pen-

sei, se eu tivesse carro, eu não sairia aleatoriamente gastando combustível à procura de combustível.”

Na noite de 14 de Abril, decidiu agir

Chegou à casa, abriu o computador e, em cerca de três horas, construiu a primeira versão da plataforma. A estrutura funcionava de forma relativamente simples, onde os usuários submetiam informações através de um Google Forms e os dados alimentavam automaticamente um painel público actualizado em tempo real.

“Eu sabia que ainda precisava melhorar muita coisa no layout, mas a crise exigia rapidez. Não dava para guardar a solução na gaveta”, explica.

O link foi inicialmente enviado para apenas três grupos de amigos. Horas

depois, já circulava em dezenas de grupos de WhatsApp, incluindo canais informativos e grupos empresariais.

“O meu próprio chefe já tinha partilhado o link sem saber que tinha sido eu quem criou”, conta.

A plataforma cresceu alimentada pelos próprios cidadãos. Quanto mais pessoas reportavam informações, mais útil ela se tornava. A comunidade começou também a sugerir melhorias. Foi assim que surgiram filtros para gasolina e gásóleo, botões de confirmação de informações, alertas de trânsito e, posteriormente, a tradução para inglês.

“Maputo tem uma comunidade estrangeira muito grande que não domina português. E se queríamos que a plataforma fosse útil, precisávamos alcançar o maior número possível de pessoas”, afirma.

O sistema também foi pensado para reduzir informações falsas ou desactualizadas. Dados antigos despareciam automaticamente após três horas, enquanto outros usuários podiam confirmar ou actualizar os relatórios existentes.

Até ao dia 23 de Abril, a plataforma já havia recebido cerca de cinco mil reportes de usuários.

“Aquilo mostrou-me uma coisa muito bonita. As pessoas ainda têm senso de comunidade. Elas resolviam o problema delas, mas depois iam lá reportar para ajudar outras pessoas também.”

Para Kathleen, a tecnologia pode funcionar como ferramenta de cidadania, solidariedade e resposta rápida a problemas sociais reais.

“A gente vive em países com desafios concretos. A tecnologia não precisa ser sofisticada. Precisa funcionar.”

A repercussão da plataforma trouxe também uma reflexão sobre género e inovação. Kathleen percebeu rapidamente que muitas pessoas assumiam automaticamente que o criador da ferramenta seria um homem.

“Algumas mensagens diziam: ‘Obrigado, engenheiro’. Outras falavam: ‘Quero conhecer o génio que criou isso’. Havia esse pressuposto natural de que fosse um homem”, observa. →

www.cartamz.com

← Apesar disso, diz ter recebido mensagens encorajadoras de mulheres felizes por descobrirem que a plataforma havia sido criada por outra mulher.

“Não queremos competir com os homens. Queremos caminhar lado a lado. Queremos existir nesses espaços também.”

Agora, Kathleen planeia expandir a plataforma para áreas ligadas à mobilidade urbana e pretende ainda transformar o actual link num modelo semelhante a aplicativo.

Mesmo com o abrandamento da crise, garante que o projecto não vai desaparecer.

“Os problemas continuam a existir. O importante é pensar em soluções práticas para eles.”

Para as mulheres que desejam inovar, Kathleen deixa uma mensagem directa. “O que você quiser fazer, faça. Não espere ficar perfeito. Faz primeiro, melhora depois.”

